



## **PESQUISA E LEITURA COMO ESTRATÉGIAS DE INCLUSÃO: UM ESTUDO COM JOVENS**

Tatiana Cristina Vasconcelos<sup>1</sup>

*Universidade Estadual da Paraíba – [vasconcelostc@yahoo.com.br](mailto:vasconcelostc@yahoo.com.br)*

**Resumo:** O presente estudo objetivou discutir sobre a prática da pesquisa científica e da leitura enquanto estratégias de inclusão, tendo como foco a produção de conhecimentos sobre a juventude contemporânea a partir de diálogos com jovens. Para tanto, foi realizado um estudo de campo com abordagem qualitativa que contou com a participação de nove jovens do Programa ProJovem Trabalhador do município de Patos (Paraíba). Como estratégia metodológica, optou-se por uma dinâmica de oficinas que envolvia leituras e entrevistas, organizadas a partir de uma perspectiva sócio-histórica e crítica da cultura. Pensando a escolha teórico-metodológica como uma opção ética e política, tem-se como alguns dos interlocutores Mikhail Bakhtin e Juarez Dayrell. As histórias e experiências trazidas pelos jovens neste estudo oferecem reflexões acerca das imagens da juventude sacralizadas para tratar de sujeitos concretos, bem como o reconhecimento da existência de espaços e tempos distintos onde essas experiências se materializam. Os discursos que os jovens trazem ao buscarem se enunciar abordam temáticas diversas, tais como literatura, música, dança, escola e educação, trabalho, uso de álcool e outras drogas, relacionamentos com amigos e suas influências, vida familiar e diálogo, saúde-doença, esporte, cidade e lazer, dificuldades, mortes, ausências, intolerância, sexualidade e expectativas. Suas narrativas demarcam a inexorável relação entre sujeito e sociedade. Assim, ao se apresentarem enquanto sujeitos singulares trazem à baila temas que perpassam toda a sociedade, posicionando-se sobre as questões que envolvem as relações assimétricas entre crianças/jovens e adultos.

**Palavras-chave:** Leitura, Ciência, Inclusão, Jovens, Juventudes.

---

<sup>1</sup> Graduada e Mestre em Psicologia pela UFPB. Doutora em Educação pela UERJ. Docente da UEPB e das FIP.



## **Introdução**

Como educadores, pesquisadores e sempre aprendizes, sabemos que a leitura é de fundamental importância na vida de todo indivíduo, uma vez que ela constitui um dos meios mais eficazes que possibilita o seu acesso à cultura e à aquisição de experiência. Entretanto, a nossa prática pedagógica permite-nos constatar que o gosto pela leitura, e conseqüentemente a formação do estudante leitor, tem sido pouco estimulado e até mesmo negligenciado. Essa realidade pode ser tomada como mais um dos fatores que contribuem para que o jovem, alheio ao processo de leitura, possa ser excluído de processos sociais e culturais importantes.

É nossa intenção, neste texto, transitar por entrelaçamentos da leitura como espaço preñado e pleno para contribuir com o processo de ensino e aprendizagem mais amplo, pois analisando a forma como o ensino vem sendo concebido, nos deparamos com diversas dificuldades no que tange ao aprender e construir conhecimentos.

Outro tema relevante neste estudo é que a relação ciência e vida cotidiana é algo que precisa ser pensada, problematizada. Muitas pesquisas são metodologicamente desenvolvidas de forma que os participantes do estudo são vistos como sujeitos meramente passivos, não reconhecidos como co-participantes do processo de construção de conhecimentos, o que acaba por corroborar a exclusão também no cerne da pesquisa científica. Ademais, os resultados de pesquisas e os discursos veiculados pela ciência não apenas reportam-se a processos de estudo, mas acabam por constituir e instituir subjetividades.

Tradicionalmente, a ciência preconiza uma suposta objetividade absoluta, uma certa neutralidade, embora o ato científico não possa ser separado do contexto ideológico que o permeia e das condições específicas em que as pessoas no seu cotidiano se encontram. Contudo, é na racionalidade universal e na busca da razão como forma de compreender o mundo que o discurso científico tradicionalmente se sustenta.

A razão, ou tudo que pode ser demonstrado empírica e racionalmente assumem a representação e unicidade da própria realidade, transformando-se muitas vezes em verdades incontestáveis. Contrariamente, a perspectiva aqui defendida propõe o eixo histórico-cultural para se chegar a uma tomada de consciência da realidade humana em seu conjunto, o que possibilita a constituição de uma teoria das ciências humanas para além do conhecimento objetivo e da neutralidade próprios dos modelos das ciências exatas (FREITAS, 1995).

Consideramos que os fenômenos sociais são linguísticos e que é pela linguagem que o homem torna-se humano. Assim, ao considerar a linguagem no processo de pesquisa estamos estudando a sociedade e a cultura das quais ela é parte constituinte e constitutiva. Portanto, na procura de compreender melhor essa relação, temos por base a visão bakhtiniana de leitura, de



linguagem e de ciência<sup>2</sup>, que pressupõe o sujeito, o conhecimento e a consciência como construídos através das interações verbais entre indivíduos sociais e historicamente situados, e que ocorrem como enunciações dialógicas.

Fundamentado no Materialismo Histórico, Mikhail Bakhtin explicita que as Ciências Humanas têm como objeto os processos de significação que se definem pela compreensão responsiva entre interlocutores, entre discursos/enunciados em seu sentido lato. “O objeto das ciências humanas é o ser *expressivo e falante*. Esse ser nunca coincide consigo mesmo e por isso é inesgotável em seu sentido e significado” (BAKHTIN, 2003, p. 395). Destarte, a relação inter-constitutiva entre realidade, cultura, linguagem e sujeito é fonte de saber sobre o homem. Como nos diz Jobim e Souza (1994) é preciso questionar sobre os modelos explicativos da ciência ainda hoje, e Bakhtin fez/faz isso, rompe com a perspectiva positivista das ciências de seu tempo, em que o homem é considerado objeto e os fatos sociais como coisas.

Além do já exposto, emerge neste estudo a necessidade de refletir a produção do conhecimento na área especificamente da juventude, pensando o lugar social que os jovens ocupam na sociedade e na cultura e como este lugar impõe modos de fazer e viver o processo de pesquisa. Pensamos que é preciso problematizar o papel que assume o pesquisador, pois este elemento transpõe-se para os dispositivos de pesquisa, sendo a simetria ou assimetria um norteador das produções de conhecimento e, quando falamos de crianças, de jovens e/ou de outras minorias, este se torna um fator ético e político que precisa ser considerado. “A desigualdade estrutural vai, certamente, afetar o processo de pesquisa, e, sobretudo, articular diferentes posturas do pesquisador” (CASTRO, 2008, p. 21).

Nesse contexto, realizar um estudo em conjunto com os jovens atravessado pela temática da leitura enquanto estratégia de pesquisa, implica em abrir mão de uma perspectiva adultocêntrica. Mudar a concepção de pesquisar “sobre” a juventude, e adentrar na possibilidade de construir uma compreensão de pesquisa “com” os jovens, à luz do pensamento bakhtiniano. Essa pesquisa se insere na busca da inclusão dos diferentes, da diversidade como potencializador do conhecimento enquanto processo.

Nesse ínterim, coloca-se como fundamental a questão da alteridade, traduzida na indagação sobre o lugar social ocupado, tanto pela criança, quanto pelo jovem ou pelo adulto como interlocutores no universo da produção de conhecimento a seu respeito. Pensar sobre

---

<sup>2</sup> Com base nas discussões de Bakhtin, entenda-se ciência no sentido de produção estética, tema deveras abordado em todo o pensamento do autor.



estas temáticas e também de maneira ampliada, pensar no processo de inclusão no cerne da pesquisa científica e do processo de produção de conhecimentos.

Diante do exposto, o presente estudo visa discutir sobre o processo de inclusão de jovens por meio da realização de uma pesquisa que adota a leitura e também a escrita como estratégias de inclusão, oportunizando que os jovens se concretizem como sujeitos sociais ativos no processo de crítica da cultura contemporânea na qual estão inseridos. Admitindo as relações assimétricas de poder que tradicionalmente envolvem pesquisador e pesquisado, busca-se instaurar a alteridade e a dialogia ao interagir com os jovens participantes no ProJovem Trabalhador no município de Patos-PB.

### **Metodologia**

A presente pesquisa configura-se como de campo, com abordagem qualitativa e enfoque sócio-histórico. Nesta deve-se valorizar o particular como instância da totalidade social, em toda a sua complexidade e seu acontecer histórico (FREITAS, 2002). Ademais, nosso estudo adota os preceitos metodológicos da pesquisa-intervenção. Esta pode ser considerada como um paradigma de pesquisa que através de uma variedade de métodos, aproxima de forma singular pesquisador e pesquisado, numa atividade em que ambos se conhecem, aprendem e (se) transformam. Segundo Castro e Besset (2008, p. 9) a pesquisa-intervenção, propõe a articulação ou “[...] entrelaçamento entre o que está sendo investigado e o modo de investigar, sinalizando momentos analiticamente distintos, porém inseparáveis, do ato da pesquisa”.

Assim, ao buscar pesquisar com os jovens participantes do ProJovem não buscamos situações criadas artificialmente, mas nosso foco foi é ir ao encontro das situações no seu acontecer, no seu processo de desenvolvimento. Foi nossa opção olhar os problemas humanos na perspectiva da sua relação com a cultura nos contextos das interações sociais, integrando o individual de cada jovem com o social, compreendendo os fenômenos que nos propomos a estudar, descrevendo-os e procurando as suas possíveis relações nos contextos interlocutivos da pesquisa.

Para concretizar o presente estudo contou-se com a participação de nove jovens do Programa ProJovem Trabalhador do município de Patos (Paraíba). Na perspectiva do presente estudo consideramos que o sujeito apesar de singular é sempre social, sendo o movimento interlocutivo, nos textos criados pelos enunciados trocados entre pesquisador-pesquisado, que destrói, constrói e re-constrói os conhecimentos. A pesquisa é, pois, uma esfera social de circulação de sentidos. Os textos que dela emergem marcam um lugar específico de



construção do conhecimento que se estrutura em torno do eixo da alteridade, possibilitando o encontro de muitas vozes que retratam e refratam a realidade (FREITAS, 2002, 2003, 2007).

Para promover as trocas de experiências foram desenvolvidas, durante 3 meses, encontros no formato de oficinas de leitura, escrita e artes. Estas autorizaram momentos interlocutivos nos quais as experiências discursivas trouxeram à tona, tanto a especificidade da voz do grupo como um todo, quanto as particularidades das vozes de cada sujeito dentro daquele grupo em particular. Além disso, esta dinâmica, enquanto estratégia metodológica proporcionou a criação de um novo discurso, produzido na tensão entre narrativas distintas. As quatro principais oficinas foram:

- 1) Falando de si, do outro por meio de desenhos
- 2) Eu-jovem: dificuldades e contradições – recriando histórias de vida
- 3) As temáticas discursas - Produzindo cartazes
- 4) Falando de si através da música



**Figura** – Os jovens na interação verbal durante a entrevista coletiva.

Acima, imagem apresentando os jovens em processo de interação antes de uma das oficinas. Em todo o percurso do estudo buscamos redescobrir o conceito de juventude(s), apontando possibilidades de (re)construí-las a partir de uma ótica heterogênea e plural, tendo como princípios a dialogia e a alteridade na construção de conhecimentos, e assumindo os jovens como co-autores e sujeitos dessa construção. Este estudo faz parte de um processo de pesquisa mais amplo, sendo parte constituinte de uma Tese de doutoramento em Educação, contudo apenas uma parte do que foi construído no decorrer de 4 anos encontra-se aqui revelado, conforme pode ser visto a seguir.

## Resultados e Discussão

Aproximar-se das subjetividades de sujeitos concretos, jovens de diferentes experiências de juventude na sociedade contemporânea, essa foi nossa busca compreendida como um posicionamento ético e político. Além disso, nossa proposta foi tensionar as implicações da produção de conhecimentos sobre os jovens para o delineamento de políticas públicas e, especificamente, para a Educação, tudo isso permeado pela perspectiva da inclusão social através de oficinas que potencializaram a leitura e também a escrita.

A inclusão social tem sido um dos grandes desafios a serem enfrentados pelo Brasil, que por circunstâncias históricas tem convivido com agudas desigualdades, não somente quanto à distribuição de riquezas, mas também ao acesso aos bens culturais e apropriação dos conhecimentos científicos e tecnológicos, aproveitamento das oportunidades oferecidas do mercado de trabalho e desenvolvimento humano das populações mais carentes (MOREIRA, 2006).

Buscamos defender a ideia de juventude que tem uma importância em si mesma, por fazer parte da constituição de sujeitos enquanto processo mais amplo, mas que tem suas especificidades que marcam a vida de cada um. Todo esse processo influenciado pelo contexto social, pela linguagem, pela ideologia, pela qualidade das trocas que o social e cultural de cada um proporcionam. Aliado a essa noção de juventude é preciso que se compreendam os jovens como sujeitos com experiências plurais, sujeitos de seu tempo, pessoas dotadas da capacidade de pensar, de interpretar, de posicionar-se na vida, sujeitos inseridos na cultura e na dinâmica social, que dão sentido ao mundo e à posição que ocupam nele. Sujeitos portadores de desejos, movidos por eles e em interação com outros seres humanos (CORSETTI; GARCIA, 2008; COIMBRA; BOCCO; NASCIMENTO, 2005; DAYRELL, 2005; 2007; PERALVA, 1997).

Os jovens são interlocutores na vida e na pesquisa, estão inseridos em classes e ocupam lugares sociais, bem como reivindicam espaços na comunidade, nas instituições e nas relações. São sujeitos que agem no e sobre o mundo, e nessa ação se produz e, ao mesmo tempo, é produzido no conjunto das relações sociais. Por tudo isto, defendemos sua participação ativa nesta pesquisa, o que certamente desvelará aspectos específicos, diferenciados e, por isso mesmo, únicos (DAYRELL, 2003).

Ao buscar problematizar o que significa ser jovem, uma das participantes deste estudo chamada Maria compartilhou conosco um de seus poemas preferidos e que, para ela,



representava a juventude, por meio do poema a leitura foi trabalhada nas oficinas. Segue o texto:

*“Gosto dos venenos mais lentos, das bebidas mais amargas, das drogas mais poderosas, das ideias mais insanas, dos pensamentos mais complexos, dos sentimentos mais fortes... tenho um apetite voraz e os delírios mais loucos. Você pode até me empurrar de um penhasco que eu vou dizer: - E daí? Eu adoro voar! Não me deem fórmulas certas, por que eu não espero acertar sempre. Não me mostrem o que esperam de mim, por que vou seguir meu coração. Não me façam ser quem não sou. Não me convidem a ser igual, por que sinceramente sou diferente. Não sei amar pela metade. Não sei viver de mentira. Não sei voar de pés no chão. Sou sempre eu mesma, mas com certeza não serei a mesma para sempre (Clarisse Lispector)*

Através da leitura do poema trazido por Maria, tomamos a leitura como atividade de linguagem, uma prática social de alcance político. Ao promover a interação entre indivíduos, a leitura, compreendida não só como leitura da palavra, mas também como leitura de mundo, deve ser atividade constitutiva de sujeitos capazes de interligar o mundo e nele atuar como cidadãos.

No que concerne à leitura, Bakhtin (2003) propõe um processo de interação entre o leitor, o texto e o autor tal como a leitura interativa a concebe. Tomando a leitura como um ato de interação entre os sujeitos, esse estudioso suscita a relação de cooperação entre esses três elementos, uma vez que, no processo de produção de sentido as significações são edificadas por meio das informações elaboradas por cada um desses três elementos. Essa postura de cooperação é necessária porque um leitor para se tornar protagonista do processo de compreensão deve aceitar a colaboração dos outros, vez que somente outra consciência pode compreender e atribuir sentido ao que o locutor enunciou.

Consideramos que o objetivo do ensino de leitura na escola deve ser o de formar leitores competentes. Entende-se por leitor competente alguém que sabe selecionar, dentre os textos de circulação social, aqueles que atendem as suas necessidades e que consiga ler não apenas o que está escrito explicitamente, mas também aquilo que está implícito.

Cagliari (2009, p. 132) infere que: “a leitura é uma atividade de assimilação de conhecimento, de interiorização, de reflexão”. Neste sentido, a escola deve ler muito com os estudantes, pois se ela não tem essa prática, torna-se fadada ao insucesso, pois como viver numa sociedade cercada de leitura e ainda, como se sobressair diante as exigências de um mundo letrado? Não se deve esquecer, ainda que o interesse pela leitura também possa ser construído, suscitado e instigado.



A produção de saber levada a cabo neste estudo, em primeiro lugar, visava resgatar a gama de experiências sobre como vivem os jovens e como eles atuam a partir de seu ponto de vista. Em segundo lugar, buscava re-conhecer que eles podem construir tais experiências no âmbito de estruturas de significação, uma delas sendo o próprio dispositivo da pesquisa, as estratégias de aproximação. Ainda, traz a ideia de que esses tempo e espaços de encontro no cerne da pesquisa põem em curso práticas de significação e saberes diferenciados e contextualizados.

Tivemos o cuidado de não tomarmos o que os jovens diziam sobre o ser jovem, seus dilemas e modos de subjetivação como lugar da verdade para todos os jovens, por isso buscamos evitar o uso de categorias de reflexão prontas, por vezes, voltamos a questionar sobre o que falávamos em encontros anteriores e avaliar ao final de cada etapa o que produzimos no grupo e individualmente. A partir dos cartazes produzidos em cada grupo as principais produções são apresentadas no quadro a seguir.

**Quadro** – Aspectos que os jovens julgaram mais interessantes em suas vidas.

*Sexualidade, o esporte, os amigos e os inimigos, Deus e a família, mesmo quando tem briga na família e falta diálogo.*

*Hoje eu sei que uma das coisas mais interessantes da vida é a sexualidade, os desejos que sentimos e a vida sexual. Faz pouco tempo que perdi minha virgindade... É muito interessante as mudanças que ocorrem no corpo da gente, do homem e da mulher.*

*A coisa mais legal mesmo é poder fazer esportes, correr, jogar e andar de bicicleta. Porque a gente não tem dinheiro pra muita coisa, e aqui (em Patos) também não tem muito o que fazer, não tem coisas interessantes...*

*Acho que o mais interessante da vida são os amigos e também os inimigos, porque ter gente para conversar e brigar é muito bom.*

*Para nosso grupo, o mais interessante mesmo da vida é Deus, em primeiro lugar, e depois a família. A família é a base, apesar de nem sempre ser uma boa família... Pois na maioria das vezes tem briga em casa, isso é o lado ruim, por que daí falta diálogo e termina que pela falta de atenção, como a gente falou outro dia, o jovem se envolve com drogas e até se prostitui.*

Os interesses e as preocupações dos jovens voltam-se predominantemente às temáticas das relações sociais na família, com os pares, na escola, à sexualidade, o trabalho. Além do que já foi exposto eles falaram também da seca do sertão, da fome que já passaram, das surras que já apanharam de pais, namorados e maridos, assumiram a virgindade e os preconceitos de que sofrem por serem pobres, negros, religiosos.





Deus e a família foi valorado pelos jovens como fatores que ajudam a enfrentar as dificuldades e contradições que eles enfrentam. Falaram da importância da família, apesar do pouco ou quase inexistente diálogo entre eles, e apontaram este como um dos principais fatores que os levam a se envolver com drogas, em especial a bebida. Eles têm consciência do seu lugar social, da falta de lazer na cidade e da situação de empobrecimento em que vivem, mas isso não os impede de sonhar, de superar e até de vencer as dificuldades das suas vidas.

Nessa etapa da pesquisa os jovens puderam expressar suas preferências, as atividades que mais gostam, a forma como se percebiam. Discutiram sobre como essas diferenças e semelhanças eram vistas, bem como o que os haviam surpreendidos. Abordamos ainda como relações desiguais entre adultos e jovens acabam por silenciar suas experiências e negar-lhes um estatuto de sujeitos. Assim, nossas produções, avaliações e auto-avaliações permitiram direcionar e re-direcionar o processo de pesquisa, bem como nossos modos de ver e estar no mundo. O que configurou a pesquisa como uma ação política na medida em que provocava os jovens a construir sentidos compartilhados para as questões que tratavam.

Pesquisar com jovens temas de seu cotidiano sem pré-julgar tratar-se ou não de temática apropriada a elas é um desafio constante a quem pretende prescrever o contemporâneo e buscar junto desses sujeitos sentidos compartilhados para as experiências nas quais se está imerso. Essa reflexão nos leva a pensar quão sensível precisa ser o pesquisador ao pensar nas temáticas do campo que serão trazidas para a escrita.

Fruto dos nossos diálogos duas categorias tornam-se ressonantes dos encontros, as elegi, porque elas sempre voltavam ao centro do debate, mesmo quando este não era o foco os jovens sempre encontravam uma maneira de falar sobre: 1) sexualidade e 2) trabalho e escola. Estes aspectos não serão aqui trazidos dado o espaço físico destinado a este estudo, mas outras publicações o abordarão.

O processo de formação, construção e comunicação do saber pressupõe algum tipo de diferenciação entre os agentes envolvidos; contudo, essa diferença tem sido vista como negativa na medida em que implica uma assimetria, uma lacuna, um uso de poder que entende um dos lados como deficiente, incapaz (GERALDI, 2007). Contrariamente esse modo de estar e fazer pesquisa, é preciso refletir sobre o lugar do pesquisador na construção do conhecimento científico. Mas o foco não deve ser na diferença, e sim na alteridade, pois a diferença traz sempre uma associação entre diferenciando e diferenciado; já na alteridade, trata-se de dissociação: o outro é irreduzível a mim e a ele mesmo.

No caso de pensar a pesquisa com os jovens, a própria concepção que fazemos e temos a respeito desses sujeitos, define e fundamenta nossa relação como eles e os saberes



produzidos no âmbito da pesquisa a partir dessa concepção e modos de relação. É o que Castro (2008, p. 21) coloca ao dizer que é necessário ter clareza e assumir tais consequências nos dispositivos de pesquisa “... ou seja, articular consequentemente teoria (quem é a criança, quem são os jovens?) com metodologia (como pesquisar crianças e jovens?)”. É preciso, pois, conceber a criança e o jovem como o que realmente são: agentes e atores sociais, em que suas especificidades e diferenças não devem ser vistas como desigualdades.

### **Considerações Finais**

A leitura tem um papel relevante que contribui para ampliar a visão de mundo, estimular o desejo de outras leituras, compreender o funcionamento comunicativo da escrita, desenvolver estratégias de leitura, compreender a relação entre a fala e a escrita e favorecer a aprendizagem das determinações sobre a escrita.

Como nos diz Lamas (1993, p. 168) “a leitura é, tal como a vida, de natureza dialógica. Pela leitura o ser humano interroga o texto, interroga o mundo, interroga-se a si próprio, procura respostas, levanta dúvidas e entra assim, na grande orquestração do universo. Por isso, a experiência da leitura do mundo – cultural e linguística – é fundamental para a leitura textual e esta, por sua vez, facilita aquela”. A leitura é pois, um instrumento de inclusão social, o que realmente foi verificado neste estudo.

A leitura também é um instrumento para o ócio e para a diversão, uma ferramenta lúdica que permite explorar mundos diferentes dos reais e/ou imaginários, que aproxima as pessoas e suas ideias, tornando-se exploradores de um universo que se constrói usando a imaginação. A escola torna-se um fator fundamental na aquisição do hábito da leitura e formação do leitor. Nesse ciclo de construção e reconstrução do conhecimento, que é característico da vida escolar, a leitura ocupa, sem dúvida, um lugar de grande destaque.

No contexto da pesquisa, o foco de um pesquisador deve ser o de criar e oportunizar relações dialógicas no processo de pesquisa, a leitura de poemas, das músicas preferidas e das produções textuais dos jovens sobre si mesmo e sobre suas experiências possibilitou-nos momentos de alteridade. Os jovens assumiram no processo seu papel de participante ativo da pesquisa, expuseram seus pontos de vista e suas verdades, mas não se limitaram a impor pontos de vista ou destruir verdades alheias. Todo esse processo constituiu-se verdadeiros momentos de inclusão de si, do outro e do grupo, mediado pela leitura no processo de pesquisa.

### **Referências**



BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec. 1992.

CAGLIARI, L. C. **Alfabetização & linguística**. São Paulo: Scipione, 2009. (coleção Pensamento e ação na sala de aula).

\_\_\_\_\_. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

CASTRO, L. R. de. A politização (necessária) do campo da infância e da adolescência. *Psicologia Política*, 14 (7), 2008.

CASTRO, L. R.; BESSET, V. L. (orgs.) *Pesquisa Intervenção na infância e juventude*. Rio de Janeiro: Faperj/NAU, 2008.

FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler em três artigos que se completam. 23ª. ed. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.

FREITAS, M. T. A. A abordagem sócio-histórica como orientadora da pesquisa qualitativa. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n. 116, p. 20-39, jul. 2002.

\_\_\_\_\_. A perspectiva sócio -histórica : uma visão humana da construção do conhecimento.. In: Maria Teresa de Freitas; Solange Jobim E Souza; Sônia Kramer. (Org.). *Ciências Humanas e Pesquisa: Leituras de Mikhail Bakhtin*. Ciências Humanas e Pesquisa: Leituras de Mikhail Bakhtin. 1ed. São Paulo: Cortez Editora, 2003, v. 107, p. 26-38.

\_\_\_\_\_. A Pesquisa em Educação: Questões e Desafios. *Vertentes* (São João Del-Rei), v. 1, p. 28-37, 2007.

COIMBRA, C. C.; BOCCO, F.; NASCIMENTO, M. L. Subvertendo o conceito de adolescência. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, v. 57, n. 1, p. 2-11, 2005.

CORSETTI, B.; GARCIA, E. E. B. *O lugar da escola na vida dos jovens e o lugar dos jovens na vida da escola*. In: BRASA IV, 2008, New Orleans, Louisiana. Disponível em: [www.brasa.org/sitemason/files/kAjHs4/Corsetti%20e%20Garcia.doc](http://www.brasa.org/sitemason/files/kAjHs4/Corsetti%20e%20Garcia.doc) Acesso em 20/02/2012.

DAYRELL, J. *A música entra em cena: o rap e o funk na socialização da juventude*. Belo Horizonte: UFMG, 2005.

\_\_\_\_\_. A escola "faz" as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. *Educação & Sociedade*. 2007, vol.28, n.100, pp. 1105-1128.

\_\_\_\_\_. O jovem como sujeito social. In: *Revista Brasileira de Educação*. Nº 24, Set./Out./Nov./Dez. 2003.

GERALDI, J. W. A diferença identifica. A desigualdade deforma. Percursos bakhtinianos de construção ética e estética. In Freitas, Maria Tereza; Souza, Solange Jobim e Souza; Kramer, Sonia (orgs.). *Ciências Humanas e Pesquisa: Leituras de Mikhail Bakhtin*. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2007.

JOBIM e SOUZA, S. A estética e a psicologia. *Psicologia Clínica*, Rio de Janeiro, v. 11, n.11, p. 43-56, 1999.



\_\_\_\_\_. *Por uma leitura estética do cotidiano, ou a ética do olhar*. Leitura: teoria e prática, v. 24, n.24, p. 35-46, 1994.

LAMAS, E. P. R. **O texto poético como objecto pedagógico**. Contributos para a didáctica das língua e literatura maternas. Vila Real: UTAD, 1993.

MOREIRA, I. de C. A inclusão social e a popularização da ciência e tecnologia no Brasil. *Inclusão Social*, vol. 1, N. 2, 2006.

PERALVA, A. O jovem como modelo cultural. In: *Revista Brasileira de Educação*. Nº 5, Set./Out./Nov./Dez, 1997, pp. 15-23.

